
Aspectos psicológicos e sociais do indivíduo portador de cicatriz

ALEXANDRE ISRAEL PINTO (G-UNINGÁ)¹
FRANCIS KEILA FERNANDA NANCI GRILLO (G-UNINGÁ)¹

RESUMO

Portadores de cicatrizes estão sujeitos a desconfortos como baixa auto-estima, limitações de ordem física, preconceitos e em muitos casos fazem opção pelo isolamento comprometendo assim o convívio social. As emoções que acompanham as cicatrizes podem estar ligadas a alterações na imagem corporal, diminuição da auto-estima e perda da iniciativa, com sentimentos de incapacidade, prejudicando a qualidade de vida. O objetivo deste estudo foi possibilitar uma maior compreensão das representações associadas à maneira como os portadores se relacionam com o corpo e a cicatriz, bem como fornecer recursos teóricos que sustentem a prática do profissional psicólogo junto ao tratamento clínico do indivíduo portador de cicatriz.

Palavras-Chave: Cicatrizes. Preconceito. Convívio Social.

INTRODUÇÃO

A cicatriz pode surgir com o processo natural de cura de ferimentos na pele chamado de cicatrização. Quanto mais a pele ficar danificada e quanto mais tempo ela demorar a sarar, maior será a chance de se ter uma grande e feia cicatriz. Tipicamente, a cicatriz torna-se

¹ Acadêmicos do Curso de Psicologia, Faculdade Ingá -UNINGÁ

menos notável e mais aceitável com o passar do tempo, mas isto também depende da textura, largura, comprimento, profundidade, localização e cor da pele.

No curso de nossas vidas podemos adquirir cicatrizes as quais não desejamos, mas que na maioria deixarão marcas tão imperceptíveis que não chegam a incomodar. As estrias e celulite também são consideradas cicatrizes, pois resultam de processos de reparação natural após descontinuidade tecidual ou processo inflamatório.

Também é importante ressaltar que a cicatriz pode surgir não fisicamente e sim com o estigma, ou seja, aquilo que é imputado a determinados indivíduos marcados por outros indivíduos ou grupos não marcados. A matriz do estigma sempre foi e é o preconceito.

Estigmatizado é aquele que sofre preconceito social e é marcado para que todos possam identificá-lo como sendo um outro, um que não é igual a todos.

Segundo Goffmann (1988), os padrões que uma pessoa, com atributos de um estigma, incorpora da sociedade, torna-a intimamente susceptível em relação ao que os outros vêem como seu defeito, e isto faz com que ela concorde que ficou abaixo do que realmente deveria ser.

Preconceito e estigma se valem de estereótipos para rotular as pessoas discriminadas. O "marcado" é um estereótipo, visão empobrecida, no mais das vezes caricata, que tende a reduzir a percepção que se tem do indivíduo portador de cicatriz exclusivamente ao atributo que o faz ser um diferente - sua marca. Reduzindo-se a percepção ao atributo objeto de preconceito, toma-se à parte pelo todo, ampliando para a totalidade do ser a deficiência localizada.

REFERENCIAL TEÓRICO

A Psicologia Social foi o principal referencial do presente estudo, pois ela nos permite pensar o ser humano como uma unidade indissolúvel como foi proposto no passado por Baruch de Espinosa e seu admirador, o psicólogo marxista Lev Semionovitch Vygotsky.

Do ponto de vista de Vygotsky, a origem das representações mentais mais elevadas deve ser buscada não nas profundezas da mente ou nos tecidos nervosos, mas na história social, fora do organismo individual. Isso, evidentemente,

implica uma mudança fundamental em todas as áreas da psicologia. Lembremos que esse foi mais ou menos o pressuposto básico feito por Durkheim e sua escola. (MOSCOVICI, 2003).

Assim, a Psicologia Social, apresenta uma possibilidade de compreensão da situação de vida do indivíduo portador de cicatriz e nos permite um conhecimento mais profundo das suas vivências na relação consigo mesmo.

Também serviu como referencial o depoimento de dois indivíduos portadores de cicatriz, um homem de trinta anos que foi submetido a uma cirurgia de Mal de Pott (TBC) e que resultou em uma cicatriz de aproximadamente 40 cm, na região torácica e uma mulher de 20 anos que se submeteu a cirurgia de mama, resultando em cicatriz em ambos os seios.

ANÁLISE

Quando nosso corpo sofre um ferimento, um corte, por exemplo, no rosto, ele forma um tecido mais forte e mais espesso do que a carne, isto é chamado de cicatriz. É um recurso da natureza com a finalidade de nos proteger contra novos ferimentos naquele lugar, no campo emocional o mesmo acontece. Tendemos a fazer coisa semelhante quando sofremos um ferimento emocional. Quando alguém nos magoa, ou a vida nos impõe algum sofrimento, criamos uma autoproteção, tornando-nos mais calejados, mais duros e indiferentes com relação ao mundo. Se, de um lado, a cicatriz é uma forma encontrada pela natureza para nos auxiliar, por outro lado, pode se tornar repulsiva, nos envergonhar e prejudicar. Segundo o professor Arnaldo Marmitt:

O dano estético melindra a imagem da pessoa, deformando seus bens físicos exteriores, geralmente visíveis ou descobertos. Modifica duradouramente as funções orgânicas ou motoras, transformando a boa aparência, ou o porte físico, ou a voz da vítima. Pode, ainda, provocar aleijões com força de impedir o lesado de exercer o trabalho que desempenhava antes do infortúnio. Dano estético tem incidência ampla. Não é apenas o aleijão, mas

qualquer deformidade pequena que importe em afeamento, ou que represente para a vítima um motivo de desgosto, de indisposição, de inferioridade ou de desconforto. A constante visão do ferimento não é essencial, podendo servir para um montante maior na reparação. A localização, porém, pode ter enorme significado para determinadas pessoas. Uma cicatriz no rosto de uma bela modelo, disputada para desfiles internacionais, não terá equivalência com o golpe na face de bronco caipira. (MARMITT, 1999).

A cicatriz além de trazer danos ao estético, também agride a pessoa nos seus sentimentos de auto-estima, prejudicando a sua avaliação própria como indivíduo e cidadão. O portador de cicatriz denigre a imagem que tem de si mesmo. Por isto a cicatriz não precisa estar exposta, ser externa, nem ser de grande tamanho para que se caracterize a seqüela física como dano estético, mental e moral. Além de atrapalhar a aparência estética compromete também o convívio social e a parte psicológica de muitos portadores dessas marcas, mesmo quando não lembram sua origem. Em suas “Lembranças Encobridoras” (1899), Freud disse:

Consigo lembrar-me de duas pequenas ocorrências durante a viagem de trem; estas, como o senhor se lembrará, emergiram na análise de minha fobia. Mas o que mais deveria ter-me impressionado foi um ferimento em meu rosto, que causou considerável perda de sangue e devido ao qual um cirurgião teve que me dar alguns pontos. Ainda posso sentir a cicatriz² resultante desse acidente, mas não sei de nenhuma lembrança que o aponte, nem direta nem indiretamente. (FREUD, 1899).

² Grifo nosso.

Curiosamente, por diversos fatores, uma parcela ínfima dos pacientes que se submetem à operação cirúrgica devido a alguma doença, tem seu problema resolvido e tratado, de forma eficaz e duradoura, no entanto, as cicatrizes se tornam um incômodo que sempre estará lembrando do trauma superado, impedindo dessa forma o resgate de sua qualidade de vida.

Mesmo cicatrizes em áreas íntimas do portador que, dificilmente nas situações sociais estejam expostas à vista de terceiros, podem caracterizar a frustração do dano estético já que a presença de alterações físicas, mesmo que diminutas, têm conscientizado sua presença pelo portador e sabe este que em situações de maior intimidade com outras pessoas as mesmas aflorarão, tornar-se-ão visíveis. Isto lhe traz um indizível sofrimento interno e psicológico. Até em situações cotidianas, hoje em dia, já que na sociedade moderna o uso de pouca roupa é bastante freqüente, haverá exposição destas alterações na aparência, causando constrangimento ao seu portador, variável de indivíduo para indivíduo, mas sempre presente.

A cicatriz aparece porque há tensão no ferimento e abaixo dele, criando uma lacuna que é preenchida pelo tecido cicatricial. O cirurgião, quando opera, une bem a pele e ainda corta uma pequena quantidade de carne sob a pele, eliminando a tensão. O corte se cura suavemente, sem cicatriz. A reação ao ferimento emocional. A reação ao ferimento emocional é a tensão. O relaxamento físico inspira o relaxamento emocional e nos leva a absorver com mais suavidade os ferimentos.

Pessoas que foram feridas psicologicamente no passado por alguém, para se protegerem contra novas dores daquela mesma fonte, formam enormes cicatrizes, comumente chamadas de mágoa ou ressentimento. Essa proteção, no entanto, não defende apenas de quem as feriu anteriormente, mas de todas as pessoas. Pessoas muito formais e muito sérias criam uma couraça para não sofrer. É muito comum uma mulher traída e machucada por um homem não querer confiar em nenhum outro homem. Crianças castigadas por pais autoritários ou professores cruéis podem ter problemas e desconfiança com relação a qualquer autoridade.

Para nos proteger da feridas emocionais que depois podem vir a se tornar enormes cicatrizes, é preciso distinguir sensibilidade de sensibilidade. Há pessoas que em nome de uma extrema sensibilidade se magoam à toa. Pessoas que se ofendem com facilidade são as que menos auto-estima possuem. É impossível viver numa sociedade como a nossa

sem sermos criticados, ofendidos, magoados ou humilhados de vez em quando. Nosso egocentrismo e vaidade nos fazem muito preocupados conosco mesmos, a nos levarmos muito a sério e a muitas dores desnecessárias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora nenhuma cicatriz possa ser removida completamente, os cirurgiões plásticos podem melhorar o seu aspecto, tornando-as menos evidentes, através de procedimentos clínicos como a injeção ou aplicação de certos medicamentos esteróides ou através de procedimentos cirúrgicos conhecidos como “revisões de cicatrizes”. No entanto, o apoio psicológico é fundamental em todas as etapas do tratamento, sendo que o profissional cirurgião deve procurar a ajuda de outro profissional psicólogo. A paciência e a calma devem estar presentes em todas as fases do tratamento e o profissional psicólogo deve saber esperar pelo melhor momento de intervir, caso isso seja necessário. Pois se trata de uma situação extremamente desconfortável, que causa profundo embaraço social e transtornos de relacionamento no indivíduo que passa por tratamento procurando esconder o seu problema. E quando essas “revisões de cicatrizes” não trazem o efeito esperado o indivíduo pode apresentar a síndrome pós-traumática que leva o profissional psicólogo à ter que resgatar a identidade e auto-estima do indivíduo.

O resgate da identidade à vida, ao mundo, a sociedade e à família é um trabalho árduo que começa ainda no tratamento da ferida e pode se estender pelo resto da vida. Cabe ao profissional psicólogo refletir sobre a problemática para um melhor diagnóstico e tratamento do sofrimento psíquico dos portadores de cicatriz e assim justificar as possibilidades de atuação do psicólogo nesse contexto.

REFERÊNCIAS

CANDIDO, L. C. **Nova abordagem no tratamento de feridas**. São Paulo: Editora SENAC, 2001.

FREUD, S. **O mal-estar na civilização**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

GOFFMANN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1996.

KRÜGER, H. **Introdução à psicologia social**. São Paulo: EPU, 1986.

MARMITT, A. **Dano moral**. Rio de Janeiro: Aide, 1999.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2003.

SALOMÃO, J. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1977. V. III

VYGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1991

